

A Etnolinguagem de uma língua autóctone retrata os componentes linguísticos do *ethos* local: a origem dos nomes dos seres em Guarani-Kaiowa – características singulares da língua

Prof. Mst. João Machado

Introdução

O presente artigo objetiva-se, abrir uma discussão sobre a etnolinguagem Guarani-Kaiowa⁽¹⁾, sobre as especificidades e singularidades da língua autóctone e também em que recursos naturais linguísticos os povos indígenas se inspiram e ou se espelham para dar nomes nos seres vivos, pássaros, animais, fenômeno da natureza em que a língua necessita.

A pesquisa foi feita na área territorial dos povos falantes da língua Guarani-Kaiowa no Sul do Estado do Mato Grosso do Sul, “Tetã – Guarani”⁽²⁾, é um espaço territorial linguístico que nós delimitamos para estudo. O Tetã – Guarani é uma área territorial onde foram palco das extrações de erva-mate pela Companhia Mate Laranjeira entre os anos de 1882 a 1949, no Cone Sul do Estado do Mato Grosso do Sul.

Os nossos escopos teóricos que nos baliza são os estudos da Geolinguística e o da Sociolinguística, através dos teóricos ALTENHOFEN (2011), (2013^a – 2013b), e (2014), THUN (2004), e COSERIU (1982), também buscamos apoio na Semiótica, principalmente através das obras de LIMBERT (2012), além das pesquisas etnográficas e vivências e convivências com os povos Guarani-Kaiowa.

Neste trabalho discutiremos as análises como que se fosse um jogo de quebra cabeça, até por que, nossas concepções espelham e traz conhecimentos empíricos e étnicos. A metodologia que usamos foi ouvir contos, relatos, falas, gravações e etnotextos dos nossos informantes.

Numa breve conclusão o trabalho traz uma análise baseado nos conhecimentos tradicionais étnicos sobre as origens dos nomes dos animais e seres da natureza, conforme os conhecimentos Guarani-Kaiowa. Os nomes dependem das características naturais dos seres ou fenômenos, como que se apresentam ao interlocutor, sons e cantos quando, “o referente do signo linguístico é um objeto do mundo material, conforme a teoria”, desde que sejam pássaros.

Na primeira parte abrimos uma discussão sobre em que recursos naturais os Guarani-Kaiowa, se inspiram ou espelham para dar nomes aos objetos e seres. Se isso

acontece por meio de sinais gráficos, ou sinais emitidos por outro sujeito de fala, ou ainda se são sons emitidos por componentes da natureza.

Na segunda parte tentamos abrir uma discussão sobre a etnolinguagem sobre os nomes dos seres, fundamentados nas enunciações dos nossos informantes, através das suas palavras e também de etnotextos coletados nas pesquisas.

Parte I

O trabalho pretende abrir uma discussão sobre a formação e criação das palavras Guarani – Kaiowa, onde e como a comunidade indígena se fundamenta para colocar os nomes nos animais, aves, peixes, pássaros, insetos e árvores. O trabalho abre um questionamento em que recursos naturais o grupo étnico se inspira para dar nomes nos seres vivos e objeto. Tentaremos no decorrer do texto responder alguns questionamentos sobre estas questões. Os falantes da língua Guarani - Kaiowa inspiram em alguns componentes da natureza ou fenômeno naturais para colocar os nomes nos seres ou objetos? Em algum canto de pássaro ou som emitido pelos animais ou seres? Existe alguma imitação? Como acontecem as diferenciações entre as palavras Guarani?

Este trabalho espelha características lingüísticas do “Tetã Guarani”, território lingüístico da nossa pesquisa e também a experiência de vivência e convivência com etnias Guarani – Kaiowa. Humildemente quero afirmar que a cultura vivida dá – me o direito ao passaporte para um letramento discutindo a temática e questioná-la.

Outra questão que compartilho com os meus interlocutores é que essa tese é o resultado de trabalho de campo e pesquisa etnográfica que traz concepções empíricas e que com certeza abrirá campo para outras discussões, já que se fundamenta em conceitos de pesquisa de um contexto de falantes de uma língua viva com várias variações e principalmente a etnolinguagem.

A criação, formação e constituição da língua Guarani-Kaiowa é refratada e refletida através do eco característico das condições naturais e físicos dos seres vivos, animais, vegetais, pássaros, peixes e insetos que constituem a natureza o habitat étnico, onde o sujeito nativo vive e convive. O *ethos* natural reflete e propicia eco característico da natureza e sua constituição, isso dá reflexos e interferências na língua e linguagem de um povo num determinado espaço ou território lingüístico⁽³⁾, (grifo nosso).

Refletindo o trabalho de LIMBERT (2012), no livro *A IMAGEM DO ÍNDIO – Discursos e Representações*, numa ótica semiótica, sobre as interpretações dos nomes naturais étnicos, a autora nos orienta que os portugueses quando chegaram ao Brasil no século XV, tiveram dificuldades para interpretar as paisagens, fauna e flora porque era desconhecido para eles o visual novo encontrado, “duas dificuldades lingüísticas impõem-se ao seu autor, que se depara com a tarefa de dar nomes ao referente que não têm nome em sua língua e de escrever fatos e coisas que nem ele e nem seus narratários jamais viram”(LIMBERT 2012, pg. 289).

Então o sujeito interpreta e visualiza os seres e animais conforme sua ótica natural que conhece ou ouviu falar.

(...) ora ele traz o desconhecido ao conhecido, reduzindo o desconhecido progressivamente e fazendo-o encaixar-se dentro dos quadros de pensamento pré-estabelecidos; ora faz o inverso, partindo do conhecido para construir progressivamente o desconhecido. O resultado dos processos revela as partes desconhecidas irredutíveis: a alteridade (Limberti 2012, pg. 290).

Num espaço lingüístico as palavras os nomes dos seres e objetos, afloram, criam como componentes da irradiação da biodiversidade natural, animais e vegetais e o sentido do referente é uma imagem real no imaginário do receptor da mensagem. Porém, palavras e léxicos desconhecidos que não pertence à cultura lingüística local, são palavras que adentram como empréstimos no território lingüístico, onde prevalece a ecologia das línguas autóctones do lugar, porém, as expressões importadas são forasteiras, estrangeiras no local, e os falantes podem até falar, mas, é por preconceito ou *status*, por achar mais importante do que a língua do local, nas palavras da Professora Kaiowa, Valdeci Veron da Terra Indígena Taquara, Juti/MS: *a língua jopara⁽⁴⁾ e o seu uso tem machucado o modo próprio da alma da língua Kaiowa, exemplo, - eru mi Che celular, (traz meu celular), isso são empréstimos na medida que objetos fabricados por não índios vão adentrando nas comunidades.*

A língua indígena retrata essas características, nela é refratada a imagem do ser ou objeto que quer ser enunciado pelo emissor da mensagem. Então a língua tenta desenhar, maquiar a expressão, ou léxico para que nomes dos seres ou objetos sejam enunciados, conforme suas características físicas originárias, e que o interlocutor da mensagem possa compreender a enunciação.

Nas palavras de (SARAIVA, 2010), em seu dicionário ele explica que “onomatopéia” é o processo de formação de palavras pela imitação do som produzido por determinado objeto ou ser numa determinada oração. Nos nomes de vários animais, pássaros ou fenômeno da natureza, o léxico que denomina o nome do ser em Guarani-Kaiowa, tenta reproduzir ou lembrar, o som do canto dos pássaros, e também característica de fenômeno da natureza, mugidos de animais ou cantiga de insetos.

Sobre alguns nomes de pássaros, insetos, animais ou fenômeno da natureza, verificaremos com exemplos ilustrando na sequência do texto, observando característica do referente que a língua Guarani-Kaiowa tenta associar.

Para compreendemos melhor essa idéia lingüística em que os povos étnicos, recorrem e quais tipos de fatores naturais e ou recursos para expressar seus pensamentos, recorreremos à idéia do signo lingüístico em que a teoria explica que uma língua tem um plano de expressão e um plano de conteúdo. Sendo assim o emissor da língua autóctone expressa seus pensamentos conforme o jeito a ser decodificada a imagem da mensagem.

Essa teoria de (MAIA, 2006), discute que a língua é o mecanismo que permite ao emissor da mensagem a associação de um conteúdo mental (a idéia) a uma expressão material (letras, sinais, sons). O destinatário da mensagem, falante da mesma língua, recebe a expressão material e reconstrói a idéia do emissor a partir desses sinais físicos (MAIA, 2006, pg. 55).

À luz dessa teoria podemos refletir três nomes de árvores na cultura Kaiowa: a primeira é o nome da “canafístola”, que em Kaiowa escreve (*yvyrapytã*), que significa árvore da cor avermelhada. A respeito dessa árvore suas cascas quando retirado fica avermelhada junto com a madeira.

O segundo exemplo, “angico – *kurupa’y*”, o nome deriva em que a mesma é uma madeira, cuja a seiva das cascas serve para combater coceiras ou feridas da pele, daí a razão do nome de “*kuru* – ferida” e “*y* – água”, remédio para ferida.

O terceiro exemplo, “*yrukurã* – sangradeira, sangue d ‘água”, que significa, (*yru* – vasilhame de água; *kurã* – avermelhado), então ficaria vasilhame de seiva vermelha.

Conforme a teoria do signo lingüístico, Ferdinand de Saussure, nos explica que numa enunciação, entre o emissor e receptor de uma mensagem, existe o significante e o referente é o significado que é a imagem real do referente.

(...) o significado é uma imagem mental do referente, isto é, do objeto a ser apresentado e não o referente em si mesmo. Naturalmente, pois o

signo lingüístico é um objeto mental e o referente do signo é um objeto do mundo material (Ferdinand de Saussure, apud MAIA, 2006, p. 56).

Então o que está na nossa mente é a imagem mental imaginária da enunciação: exemplo se alguém diz a palavra *taguató* – gavião, nós temos uma imagem do pássaro em nossa mente, mas, isso acontece somente entre dois falantes da mesma língua.

As palavras em Guarani, “*ara* e *pytu*”, que significam em português dia e noite, são dois léxicos que tentam mostrar a imagem virtual do sentido das palavras. “*Ara*” quer dizer claridade e “*pytu*”, onde não possa enxergar nada. O homem tenta decifrar sinais, sons, cantos, cores dos fenômenos naturais e transformar em linguagens. A língua tenta criar uma imagem virtual imaginária concreta para as palavras, para que o receptor da imagem possa compreender melhor a mensagem do emissor.

Alguns sons da natureza foram utilizados para dar nomes aos objetos ou em animais ou aves. Também as conseqüências da ação de alguns fenômenos como: raio, relâmpago, vento, terremoto, maremoto, chuva, frio, geada e calor.

A formação e criação das palavras receberam influências dos tipos das ações dos fenômenos. Exemplificando na língua portuguesa a palavra trovão, este “ão”...significa o barulho do fenômeno.

Também poderíamos refletir que várias palavras são originárias e semelhantes da maneira como nossos órgãos de sentidos recebem e absorvem os sons do mundo exterior. Esses órgãos como: visão, audição, tato, olfato e paladar retransmitem e decodificam as mensagens ao nosso cérebro, tornando virtual a imagem do sentido das palavras para ser interpretados.

Em outros casos as palavras são derivadas de outras línguas como: em português expressa “gato” e em inglês “*cat*”. Outro exemplo na língua Terena o substantivo gato diz, “*marakaia*” e em Guarani- Kaiowa é *mbarakaja*. Talvez, poderíamos dizer um plágio de palavras estrangeiras ao território lingüístico étnico.

Na cultura lingüística Guarani – Kaiowa, alguns nomes de espaço territorial, são derivados de algum fenômeno natural que houve ha tempos remotos. Outros nomes e palavras que se originaram de alguma ação do homem no local. Então o fenômeno natural ou ação humana dá origem ao nome do fato ou espaço físico existente.

Sobre está questão temos dois exemplos coletados em trabalho de campo. Conforme relatos de alguns indígenas Kaiowa da Aldeia Lagoa Rica e Panambizinho, certa vez um enorme raio caiu numa região do município de Nova Andradina/MS e

abriu uma grande cratera e depois alagou. Este lugar os Kaiowa chamaram de “*tujukua – yvykuarusu*”, (buraco com grande banhado), criando assim um grande banhado.

Na cultura lingüística Guarani – Kaiowa, certos nomes dado ao espaço territorial, são derivadas de algum fenômeno natural que houve há tempos remotos. Também nomes e palavras que se originaram de algum tipo de ação do homem no local. Então o fenômeno natural ou ação humana deu origem ao nome do fato ou espaço geográfico.

Outro exemplo geográfico é o *erymbyasa*, que na língua Kaiowa significa terra cercado por dois córregos – ilha. O *erymbyasa* é o espaço geográfico que fica entre os córregos Laranja Doce e Laranja Lima e que correm paralelos e depois se aglutinam para desaguar no Rio brilhante. Esta ilha fica no distrito de Guaçuão, município de Dourados.

Em diálogo com a Ñandesy, Damiana Cavanha, da terra indígena, *tekoha Apykai*, no município de Dourados-MS, às margens do córrego curral de arame que na língua Kaiowa é *ypiury* que significa caldo de piau, existia um lugar onde o tuiuí se banhava que os indígenas chamavam de “*tujuju-jahuha*”.

A cultura Guarani – Kaiowa é composta por vários mitos, misticismos e crença na divindade, em que os Deuses estão presentes na proteção dos seres da natureza, animais, florestas e fenômeno natural. Na natureza tudo tem o seu dono “*jará*”⁽⁵⁾ que os protege e é seus guardiões.

Na crença Kaiowa vários nomes de plantas, animais, pássaros e fenômeno da natureza foi dado por *ñandejara* (nosso Deus). Conforme o Prof.º Isaque João, da Aldeia Lagoa Rica – Douradina, “*os nomes dos bichos foi dado pelo Pa’i Kuara, o Deus sol e outros por ñandejara*”.

Parte II

-Professor Isaque, como que surgiu, as origens dos nomes das coisas, seres, animais, na natureza, conforme a visão Kaiowa?

“Agora vou brevemente falar sobre as denominações das coisas e seres, nomes de pássaros, animais, como acontecem suas origens...é depois que o Chiru (Deus), determinou que vai ser a forma adequada para se referir as coisas, os olhos começam a enxergar os pássaros, animais, árvores, nomes que denominam as coisas conforme ela é. Como os cantos dos pássaros que traz o nome de origem mesmo. Mas existem

pássaros que são chamados conforme seus movimentos ou seu canto. Isso varia de lugar para lugar, que num determinado lugar chama de um jeito e num outro de outro nome, porque cada povo identifica as características e movimentos dos animais e seres. E os nomes dos animais, a maior parte é o Ñanderu (Deus), que colocou. Exemplo akuti (cutia) ou akutipay (paca), esses nomes são utilizados, mas, existem outros nomes, como o da anta que é so'ó guasu ou so'ó pytã guasu (carne vermelha), esses foram denominados pelos yvypora (homens da natureza), pessoal daqui da terra que deram esses nomes. Mas ele é so'ó guasu. Então nenhum nome está errado, porque está referindo a anta. E o nome de lugar, maior parte são denominados, conforme suas características, ou algum fato que ocorreu naquela localidade. Ou ainda, conforme a visão e percebido aquele lugar. O nome de um rio ou de riacho, as vezes num pequeno trecho é denominado por um nome, já em outro parte por outro nome. Por exemplo o Rio brilhante é..., conforme o líder Kaiowa Valdomiro Aquino da Aldeia Panambizinho nas margens deste rio morava um hechakary (líder espiritual) que tinha o nome de Xiru-Ryvyrante, daí a razão dos homens não indígenas chamarem de Rio Brilhante, porque são águas que brilham, o Carlito também me disse que o Rio Dourado é pirasayju (peixe amarelado). Então cada povo determina o nome da natureza, conforme presenciou algum fato que marcou o lugar. Já os nomes das árvores, a maior parte foram colocado por Ñanderu, mas, existe também nomes de árvores que são chamados conforme suas espécies, suas qualidades, como que ela é, a casca, o caule, se tem algum tipo de sementes, espinhos, denominado como é, então é isso...”(Ent. com Prof. Isaque João Kaiowa em 25/11/2015).

A língua Guarani – Kaiowa e suas variedades são ricas em figuras de linguagens, possuindo vários recursos e variantes para transmitir a idéia da mensagem da palavra ao interlocutor destinatário.

Em nossa pesquisa de campo pelo Tetã Guarani, podemos perceber várias variedades de palavras que servem para identificar nome de um único animal ou pássaro. Percebi que maiorias das comunidades utilizam alguma variedade diferente ou expressão para identificar um pássaro ou animal. Aqui poderíamos citar o nome do pássaro Jaó, no município de Maracaju os Kaiowa denominam de “*hohoo*”, já nas Aldeias de Dourados e Douradina de “*gogoe*”, e em Antônio João, Aldeia Campestre de “*kowoe*”. Porém, essas denominações são influenciado conforme os cantos das aves.

No município de Bela Vista, Aldeia Pirakua, existe um pequeno passarinho do peito amarelo e asas pretas que faz ninho nas extremidades dos galhos das árvores, que o tamanho é igual ao do beija-flor, quando perguntei aos indígenas o nome do passarinho, eles responderam “kasigua”. “Kasigua, assobia assim, ki...kri...kri...kiii..”, talvez, ai a razão do nome *kasigua*, (grifo nosso).

Tentaremos a partir daqui responder às 2ª e 3ª questão da introdução do texto, com visualizações de exemplos que coletamos em nossas pesquisas de campo. Cito alguns exemplos de nomes de pássaros e animais, que os sujeitos falantes expressam por regiões do Tetã Guarani.

Na região de Dourados, o nome do pássaro curicaca, chama-se “*kurukau*” na língua Kaiowa, como também o nome de papagaio de “*parakau*”, esses nomes pode ser devido os cânticos serem parecidos com os sons da fonética dos nomes das aves. Também merece destaque o nome do pássaro curiango, que em guarani chamam de “*kuchiguagua*” ou “*kagwirivõ*”, jeito como ele canta.

Já nas regiões das aldeias Panambizinho, Lagoa Rica e Sucuri’y, em Maracaju, o nome da ave jaó, ou é chamado de “*gogoe*” ou “*hohoõ*”. O nome do perdigão como “*guirapipopi*”, como ela canta. Assim também o gavião “*makāvã*” e o ñanbu “*uru*”. Os nomes das aves são parecidos com as fonéticas da fala como os pássaros cantam.

Em nossa pesquisa de campo pelo Tetã Guarani, ouvi varias expressões como: “*mboi jagua, oñarõ upeicha...au..au..au!*”, esse é o jeito como o animal late. Daí a razão ser chamado “*mboi jagua*”, como se fosse um cão. Sua característica é, tem corpo como cobra, mas cabeça idêntico ao de cachorro, late e ronca quando vai atacar. “*Pira opere...pchau!*”, som das nadadeiras dos peixes no rio. O jeito como o mboi jagua pula no rio.

“*Hã maera mboi jagua ko há’e ipire hovy. Há’ete ko iñaña rogue, jagua pire, há upeicha itevoi. Oguata, oguata upeicha diretão, oguevi há oguata. Há só que há’e ype voi oi. Oguata há oguevi. Upeicha oguevi há oguata ojara kente. Oguevi há oguata oñarõ jaguacha ou. Oguaveve ndeve oñemombo peicha nderehe. Oñemombo nde Ari ojara nde há ogueraha ype, há ndaipore salvacion. Há nde juka há nde hu. Há erazo há ipuku. Há’eko oguereko ipua huguai. Pepe ko nde kutu há nde juka. Há’eteko jagua chagua há’e. Che ko oreko ima ore tavy, omombo pe ype Che jagua, pe Che kyvy oira*”

caarapo pe, ojara omombo pe jagua ype. Hei: -ambojahuta ko jagua, ndo jahusei ojara há omombo ype, ...pissp! omombo ype. Ambyasy iteko Che jagua, iporã pe jagua. Há houitema chugui. Upei hina oro maña hese. Houma Che rymba jagua! Upei hei cheve jagua Raí ko ñaro hei ko cheve pe outro, maera che memby kuña ko oi caarapo pe. _ñahani aikuaa hei Javorai:_ pe ko ñahani pe'ako vixo. Ko'ako mboi jagua. Será ko há'e hei chupe? Ndovaleveima já peka jahama, suerte ko pira kochagua aguenoe. Jahama hei ko'ako mboi jagua voi. Há'e oikuaa voi, mba'eko, oñaro, hau! Hau...hau...hau...hau! hei oñaro. Upeire pe otro che memby, omombo pe peicha ite otro che jagua, houite pe jagua. Upei oro ho mombyry, oro pyta petei ka'aguy oro myaña, hese hei: Piu!...peicha opere, há'ete pira. Opere piracha. Jahama neike! Pepe oiko voi Pepe... maera ko mba'echa ko, Rio Dourado. Pepe ko akyhyje voi, iñaka erazo. Iñaka jagua chagua, peicha ite. Só que há'e iñambi'i, há pe ilomo ikuru, kuru. Peicha ko ikuru kuru ilomo. Há huguai rakambi, Ivaí voi upe'a (Ent. Fatima Ferreira – Kaiowa, em 24/01/2014, Aldeia Bororó).

“Hã o mboi jagua tem o couro esverdeado. É igual folha de árvore como couro de cachorro. Anda, anda direto, afasta e vem nadando em cima da água, fica flutuando observando suas presas para atacar. Nada para frente e para traz. Para enganar suas presas nada para frente e para traz e deixa somente a cabeça fora d'água e o rabo desloca imerso em direção da caça para laçar. Quando pega a caça leva para dentro do rio em sua toca, não tem salvação, mata e come a caça. Ele é comprido e tem pequenas puas na ponta do rabo. Com a pua que pega e mata suas presas. Ele é como cachorro. Lembro-me de uma história, faz tempo agente era ingênuo, estávamos pescando no Rio Dourado, daí jogamos um do nosso cachorro no rio, estava comigo meu irmão que mora atualmente em Caarapó. Ele que disse: -vou dar banho neste cachorro! Pegou e jogou no rio. Pissplas! Caiu na água. Fiquei triste por causa do cão. Era um lindo cachorro. E o cachorro sumiu, disse à ele algum bicho comeu. Agente percebeu que algo tinha acontecido com o cão. A outra minha irmã que também mora na Aldeia Tey Kue (Caarapó), disse: estou ouvindo latidos de cachorrinho. Não é! Disse Javorai. Isso é bicho. É o mboi jagua. – Será que é? Perguntei à ele. Não vamos mais pescar vamos embora! Sorte que já tinha pegado um peixe grande. Vamos é mboi jagua. Ele sabia, porque latia...hau!..au...au...hau latia! Depois que saímos dali, já perto de uma matinha, olhamos para traz e ouvimos... Plassch!...assim como nadadeira de peixe, quando bate na água. E fomos embora. Lá tem mesmo. No Rio Dourado,

tenho medo de ir, fiquei com muito medo depois daquilo. O mboi jagua tem a cabeça igual de cachorro, orelhas pequenas e o couro como do jacaré esverdeado e pua na ponta do rabo,...é feio este bicho! (Fatima Ferreira – Kaiowa, em 24/01/2014, Aldeia Bororó).

Então como podemos perceber conforme nossos informantes, certos nomes de animais, seres ou contos, são de acordo com as características do objeto a ser enunciado, o signo lingüístico mostra a imagem virtual do ser enunciado, conforme Saussure, “o referente do signo lingüístico é um objeto do mundo material”.

Baseado nas teorias do signo lingüístico, podemos exemplificar algumas expressões de barulhos dos fenômenos da chuva e trovão: “*yko otyky*”, (a água cai, respinga e faz barulho) – “*yko hy’apu*”, (o barulho da água) – “*takua pu*”, (o barulho da taquara). Nestas frases o falante nativo tenta expressar ao seu interlocutor o som, o barulho do acontecimento, fenômeno que sua mensagem provoca.

Vejamos outros exemplos de expressões que simbolizam sons da natureza: “*osuñu há overa*”, (troveja e relampeia). “*Icarro ocororo*” (o carro dele ronca. “*Overa há osyry’i yguasu* (o rio, relampeja e soa sua água). Opiriri tatá (o fogo peririca). “*Opororo avati olha pe*”, (a pipoca pororoca e pula na panela). “*Opārārã yvytu vvyra pe*”, (o vento faz barulho nas árvores). Nestas frases podemos perceber que em relação a figuras de linguagens, uns dos recursos da língua Guarani – Kaiowa é a onomatopéia.

O Kaiowa Job Gonçalves da Aldeia Bororó, Dourados/MS, relembra um conto sobre aposta em contagem, entre animais e sapos que houve há tempos remoto contado por anciãos quando os animais falavam.

- Job como que foi a aposta entre os animais sobre as contagens?

“Hã a aposta aconteceu quando o ju’i pequeno (rã), falou para o ju’i maior, assim quatro...quatro...quatro! Já o outro saiu assim e disse: cincoenta piriri...piriri..piriri...! Ai estava ganhando e veio a rã grande e disse mir...mir...mir! Ai tinha um outro cururu (sapo), disse deis...deis...deis! Hã....hã....rsrs! O ju’i guasu que acabou ganhando a aposta”.

- Quando que foi isso?

“Essa aposta aconteceu quando Ñandejara (Deus), deu a palavra para eles falarem. Antigamente todos os animais falavam. Os animais falavam. O tukã (tucano) falava...tukã falava *zie...zie...zie!* Ai chegava o bem-te-vi falava: *ñde sogue* (não tem nada). Anu falava *oi!* Todos falava né! Então no final quem ganhou foi o ju’i guasu. Porque ele só conta mil, é só mil. Com ele não tem pouquinho. Então resolveram se reunir e apostar quem contava mais, quem contasse mais ganharia a aposta. Então saiu a primeira rã contando, quatro...quatro...quatro! Ai o tukã saiu e falou *zie...zie...zie!* Daí a outra rã começou cinquenta *piriri...piriri...piriri*, cinquenta *piriri...*! Ela já foi ganhando na frente. Ai chegou o anu e disse *oi...oi...oi...*! porque queria apostar em cima do cinqüentão. Ele disse oima, tinha mais. Chegou o ju’i guasu e disse: *mir...mir...mir!* Com pouca contagem contou cinco mil e ganhou a aposta. Não tinha jeito para os outros, foi assim a aposta...” (Job Gonçalves – Kaiowa, Aldeia Bororó-Dourados).

Essas palavras do nosso informante refletem como que as rãs, sapos, pássaros, cantam, cada um diferente do outro. Então na cultura indígena, há tempo atrás todos eles falavam e tinham a língua como pessoas. Dizem os anciãos Kaiowa que eram como pessoas.

Considerações Finais

Na língua Guarani-Kaiowa existe a crença que nos primeiro tempo, quando Ñandejara (Deus), andava pela terra, todos os animais falavam, tinham suas próprias línguas. Por essas razões que existem alguns nomes ou palavras na língua indígena baseado nos sons dos cantos de pássaros ou animais, pequeno fonema emitido por estes que iguala aos sons silábicos da língua. Esses são alguns dos resquícios das suas palavras de origens que ficaram nas memórias dos nativos. Outra questão que deveria ser mais aprofundado é que na cultura étnica o contexto natural, a biodiversidades é que reflete os nomes dos seres. Então podemos concluir que a origem dos nomes dos seres, pássaros, árvores, na língua indígena, dialoga com a teoria dos signos lingüísticos de SAUSSURE que “**o referente do signo lingüístico é um objeto do mundo material**”.

Referências

ALTENHOFEN, Cléo V. & MARGOTTI, Felicio Wessling. O português de Contato e o Contato com as línguas de imigrações no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V. ; RASO, TOMMASO (orgs.). Os contatos lingüísticos no Brasil, Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 289 – 315, 2011.

ALTENHOFEN, Cléo V. & MORELLO, Rosângela. Rumos e perspectivas das políticas lingüísticas para línguas minoritárias no Brasil: entre a perda e o inventário de línguas In: Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas (6.: 2013 Nov. 23 – 25: Porto Alegre, RS) NALU FARENZENA (orgs.). Porto Alegre UFRGS, 2013. P. 19 – 26.

ALTENHOFEN Cléo V. Bases para uma política das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, Chistine ET AL. (orgs.). Política e Políticas lingüística. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 93 – 116, 2013.

ALTENHOFEN, Cléo V. Migrações e contatos lingüísticos na perspectiva da Geolinguística Pluridimensional e Contatual. In: Revista de Letras Norte@mentos, Sinop, n. 12, v. 6, p. 19 – 43, 2013b.

ALTENHOFEN, Cléo V. “o território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: FERNANDEZ, Ana Lourdes da Rosa N. Brochi; MOZZILO, Isabella; ACHNEIDER, Maria Nilse & URUGUAY, C. Gonzales (orgs.). Línguas em Contatos: onde estão as fronteiras? Pelotas: Editora UFPel, 2014b. [no prelo].

COSERIU, Eugênio. Sentido y táreas de La Dialectologia (cuadernos de lingüística : 8.). México. Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1. 1982.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge; ESSELIN, Paulo Marcos. Uma breve história (indígena) da erva-mate na região platina: da província do Guairá ao antigo sul de Mato Grosso. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 278-318, Jul/Dez. 2015.

LIMBERT, Rita de Cássia Pacheco. A Imagem do índio: discursos e representações/Rita de Cássia Pacheco Limberti – Dourados: Ed. UFGD, 2012. 318p.

Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem/Marcus Maia – Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

Saraiva Jovem: dicionário da língua portuguesa ilustrado/organização da Editora. – São Paulo: Saraiva, 2010.

THUN, Harald. O comportamento lingüístico dos brasiguaios no Paraguai visto a partir do material do ATLAS Linguístico Guarani – Românico (ALGR). In: DIETRICH, Wolf/NOLL, Wolker (orgs.). o português do Brasil: perspectivas da pesquisa atual. Madrid/Frankfurt a. M.: Iberoamericana. Vervuert, p. 169 – 191, 2004.

Notas:

(1): Guarani-Kaiowa: Sub-grupos lingüísticos da família Tupi-Guarani que habitam ao Cone Sul do Estado do Mato Grosso do Sul.

(2): Tetã-Guarani: Área delimitada para estudo das variações da língua Guarani-Kaiowa em que abrangem os limites territoriais do Rio Brilhante e Ivinhema ao norte, o Rio Paraná ao leste, o Rio Iguatemi ao sul, e a Serra de Amambai ao oeste – onde houve as extrações de erva-mate pela Cia Mate Laranjeira entre os anos de 1882 a 1950, no Cone Sul do Estado do Mato Grosso do Sul.

(3): Território Linguístico: Ver melhor em ALTENHOFEN (2013b) – Artigo “o território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata.

(4): A Língua Jopara: Ver melhor em MACHADO (2013, pg. 47-50).

(5): Jara: Na crença Guarani-Kaiowa, todos os seres vivos e não vivos possuem seus guardiões (donos), que os criou e que protegem. Ex. “kaja’a”, (mãe d’agua).